

**Gaio** (Sines, \*Portugal) O tesouro do G. foi descoberto numa sepultura de inumação, de tipo cista, que faria parte de uma necrópole mais vasta. O sítio localiza-se no litoral alentejano, concelho de Sines. O tesouro áureo é composto por um colar articulado, um par de arrecadas e várias contas de colar bi-troncocónicas, assim como um pendente em forma de bolota. A sepultura continha ainda outros adornos, concretamente, um contas de prata, âmbar, cornalina e pasta vítrea, um engaste de prata com escaravelho, pertencente a um anel, e uma pulseira de bronze. A mesma sepultura ofereceu ainda o que pode corresponder ao fundo de um braseiro e dois unguentários de pasta vítrea. O colar é formado por 16 placas sub-rectangulares, com remates tubulares, por onde passava, certamente, o fio de suspensão. A extremidade inferior de cada uma das placas é bipartida e está recortada. As arrecadas têm a forma de um crescente lunar. Do corpo central irradiam 14 cabeças femininas, bifrontes, das quais partem flores de lotus, abertas e caliciformes. A matriz orientalizante do conjunto é evidente, destacando-se, por exemplo, na ourivesaria quer a técnica decorativa (martelagem sobre matriz em relevo, no colar, estampagem e repuxado, nas arrecadas), quer os motivos (palmetas, cavalos e grifos, flores de lotus, rosetas e cabeças femininas bifrontes), e ainda também o tipo de jóias. A iconografia é reveladora de um simbolismo carregado de significados no mundo or., correspondendo a técnica utilizada a uma novidade introduzida na Península Ibérica pelos colonizadores fen. Por outro lado, os colares articulados, os pendentes em forma de bolota e as arrecadas não têm paralelo no mundo indígena do Bronze final, mas partilham com várias áreas do Mediterrâneo a forma e função. Os restantes elementos exumados, concretamente os dois vasos de vidro (*amphoriskos* e *alabastron*), ambos integráveis no tipo I de Harden, com as típicas linhas amarelas, em espiral, e verdes e amarelas em ziguezague, o escaravelho, de cerâmica com inscrição de Thoutmôsis III, que girava num engaste de prata, e o possível braseiro traduzem também, de forma clara, a mesma inspiração or. Infelizmente, pouco ou nada sabemos da arquitectura funerária da necrópole onde esta sepultura se inseria, havendo apenas referência à existência de outras do mesmo tipo. Mas, deve notar-se que as necrópoles de cistas são bem conhecidas na região durante a Idade do Bronze. Também sobre a personagem que usou estes adornos e se fez acompanhar destas oferendas nada sabemos, uma vez que não foi concretizado qualquer estudo antropológico que permita averiguar o sexo, a idade à morte e possíveis patologias. Contudo seria, muito provavelmente, alguém com considerável destaque social, e bem posicionado na hierarquia do grupo humano que integrava.

do Gaio”, in *Actas das II Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa 1974, 97-120.

A.M. Arruda